

# AS INTERROGAÇÕES COMO LEIS LÓGICAS\*

Antonio C. K. Soares \*\*

**SÍNTESE** – As interrogações podem ser definidas como a disjunção de todas as suas possíveis respostas. Assim definidas, elas nada dizem e são equivalentes às leis lógicas. Basicamente, as interrogações, conforme a variável questionada, podem ser enunciativas (sem interrogativo), individuais ou predicativas (com interrogativo). Fundamentalmente as interrogações têm duas possíveis respostas (sim ou não); mas as individuais e as predicativas, por uma dessas respostas ser uma particularização, podem ser consideradas interrogações de múltiplas possíveis respostas.

**PALAVRAS-CHAVE** – lei lógica, interrogação, interrogação enunciativa, interrogação individual, interrogação predicativa.

**ABSTRACT** – The questions can be defined like a disjunction about all theirs possible answers. In this context, the questions don't say anything and they are equivalents with logic's laws. Basically, questions can be an enunciation (without interrogative signal) and, also, individual or predicative question (with interrogative signal). Fundamentally, questions have two possible answers (yes or no); but individual and predicative questions have many possible answers, by virtue of one of these answers to be a particularization.

**KEY-WORDS** – logic law, question, *enunciative* question, individual question, predicative question.

Uma lei lógica é a enumeração completa de todas as possibilidades. Enquanto enumera todas as possibilidades, ela nada informa, isto é, seu conteúdo informativo é zero'. Wittgenstein<sup>2</sup> diz:

Alle Sätze der Logik sagen aber dasselbe. Nämlich nichts.

Todas as proposições da lógica, porém, dizem o mesmo. A saber, nada.

Nesse sentido, uma lei lógica e o que se poderia chamar de interrogação maximamente interrogante seriam expressões equivalentes. Esse talvez seja o motivo pelo qual as perguntas (ao menos as maximamente interrogantes) não deveriam ofender: elas não teriam conteúdo informativo algum, elas nada diriam.

\* Texto inicialmente redigido em função de aulas nas disciplinas de Teoria da Ciência e Iniciação à Pesquisa na Universidade de Caxias do Sul

\*\* Departamento de Filosofia da Universidade de Caxias do Sul – UCS.

<sup>1</sup> Cf. Hintikka, 1976, p. 35.

<sup>2</sup> Wittgenstein, 1993, p. 218 e 219, proposição 5.43. Cf. p. 250 e 251, proposição 6.11; cf. também p. 196 e 197, proposição 4.461.

Nas linguagens naturais, parece haver dois tipos de interrogação: uma sem interrogativo e outra com interrogativo ('Quem?', 'Quê?', 'Onde?', 'Quando?', 'Como?', 'Por quê?', etc.). A interrogação sem interrogativo, que, por questionar o enunciado como um todo, será aqui chamada de *enunciativa*, tem somente duas possíveis respostas: 'Sim!' ou 'Não!'. A pergunta 'Chove?', por exemplo, não usa interrogativos e só poderia ter duas respostas: ou 'Chove!' ou 'Não chove!'. Enquanto essas duas respostas estão implícitas na pergunta, ela poderá ser definida pela disjunção dessas duas possibilidades. Simbolizando esse tipo de interrogação pela anteposição do símbolo '?' ao enunciado perguntado (sendo esse símbolo um operador enunciativo monádico sintaticamente semelhante à negação), é possível definir esse tipo de interrogação deste modo:

$$? \cdot p \Leftrightarrow p \vee \neg p \quad Q1$$

A interrogação com interrogativo admite também somente duas possíveis respostas, mas uma dessas respostas é uma particularização e, por isso, essa interrogação pode transformar-se "intuitivamente" numa disjunção de muitas possíveis respostas. Nesse sentido, a interrogação com interrogativo pode admitir mais de duas (inclusive infinitas<sup>3</sup>) respostas e a enumeração completa dessas respostas passa então a caracterizá-la. Mas, como as múltiplas respostas, quando for o caso, estão presentes na particularização, a definição pode ser em termos da interrogação de uma particularização ou, alternativamente, em termos da disjunção entre a afirmação e a negação dessa mesma particularização.

Há, entre outras, duas maneiras básicas de interrogar com interrogativo. Uma primeira maneira interroga indivíduos e, por isso, será aqui chamada de *individual*. Simbolizando por '?x' a interrogação pelo indivíduo 'x' (sendo '?' um operador individual monádico sintaticamente semelhante às quantificações), é possível definir esse tipo de interrogação deste modo:

$$?xPx \Leftrightarrow ? \cdot VxPx \quad Q2$$

Intercambiando '? · VxPx' por sua definição, conforme Q1, é possível deduzir o teorema:

$$\vdash ?xPx \leftrightarrow VxPx \vee \neg VxPx \quad Q21$$

Não obstante a interrogação individual (por exemplo, 'Quem matou Abel?', isto é, '?xMxa' ou '? · VxMxa') inicialmente só admitir duas respostas (no exemplo, 'Alguém matou Abel!', isto é, 'VxMxa', e 'Ninguém matou Abel!', isto é, '¬VxMxa'), a possibilidade de múltiplas respostas está presente no indefinido que expressa a particularização afirmada (no exemplo, 'Alguém matou Abel!', isto é, 'VxMxa'). Esse indefinido pode ser "definido" de muitas maneiras (no exemplo,

<sup>3</sup> Cf. Prior, 1976, p. 205: "(Wittgenstein tomou) uma fórmula universalmente quantificada, 'tudo é F', como abreviação de uma conjunção infinita de fórmulas atômicas, 'a<sub>1</sub> é F & a<sub>2</sub> é F & ... & ...'; de modo similar, 'algo é F' representa uma disjunção infinita de tais proposições."

‘Adão’, ‘Eva’, ‘Caim’ e o próprio ‘Abel’, se forem esses os únicos indivíduos pertencentes ao universo em questão).

Uma outra maneira básica de interrogar usando interrogativo questiona não um indivíduo, mas um predicado e, por isso, será aqui chamada de *predicativa*. É o caso, por exemplo, quando alguém pergunta ‘Que estás fazendo?’ A resposta também é dupla: ou ‘Algo!’ ou ‘Nada!’ Novamente a resposta com o indefinido pode ser “definida” de muitas maneiras. Simbolizando por ‘?P’ a interrogação pelo predicado ‘P’ (sendo ‘?’ um operador predicativo monádico de novo sintaticamente semelhante às quantificações), é possível definir esse tipo de interrogação deste modo:

$$?PPx \Leftrightarrow ? \cdot VPPx \quad Q3$$

Intercambiando ‘?·VPPx’ por sua definição, conforme Q1, é possível, por sua vez, deduzir o teorema:

$$\vdash ?PPx \leftrightarrow VPPx \vee \neg VPPx \quad Q31$$

Além dessas duas maneiras básicas de interrogar, muitas outras poderiam ser enumeradas. As principais seriam as interrogações para as quais as linguagens naturais apresentam interrogativos: “Onde?”, “Quando?”, “Como?”, etc. De um lado, essas perguntas teriam respectivamente como definição as disjunções dos pares de respostas: “Algures!” e “Nenhures!”, “Em algum momento!” e “Nunca!”, “De algum modo!” e “De nenhum modo!”, etc. De outro lado, em cada uma dessas definições, o indefinido positivo (“algures”, “em algum momento”, “de algum modo”, etc.) poderia ser “definido” de múltiplas maneiras dependendo do universo referencial em questão. Finalmente, para a simbolização dessas interrogações, a Lógica dos Enunciados e dos Predicados teria de ser ampliada respectivamente com algo assim como uma Lógica Local ou Espacial, Temporal, Modal, etc. Por dependerem dessas ampliações, esses outros tipos de interrogação não terão aqui explicitadas suas definições.

Em síntese, os tipos básicos de interrogação, suas simbolizações, suas definições e seus enunciados equivalentes (ou definições alternativas) são os seguintes:

INTERROGAÇÃO Enunciativa	Interrogação Individual	Interrogação Predicativa
?·P	?xPx	?PPx
P ∨ ¬P	?·VxPx	?·VPPx
P ∨ ¬P	VxPx ∨ ¬VxPx	VPPx ∨ ¬VPPx

Mas, se for levado em conta o sentido “intuitivamente” dado às particularizações e se for considerado infinito o universo tanto dos indivíduos quanto dos predicados, poderia ser acrescentada uma outra linha a esse quadro.

INTERROGAÇÃO ENUNCIATIVA	INTERROGAÇÃO INDIVIDUAL	INTERROGAÇÃO PREDICATIVA
$? \cdot P$	$?xPx$	$?PPx$
$P \vee \neg P$	$Px_1 \vee Px_2 \vee \dots \vee \neg VxPx$	$P_x x \vee P_y x \vee \dots \vee \neg VPPx$

Esse modo de ver as interrogações, consubstanciado ao menos nas três definições acima postuladas Q1, Q2 e Q3, torna equivalentes entre si as interrogações e as leis lógicas. Além disso, ele mostra que a explicitação de uma pergunta ou problema envolve a enumeração de suas possíveis respostas ou soluções. Se a enumeração for de algum modo completa, a pergunta será maximamente interrogante e o problema estará maximamente explicitado. Finalmente, esse modo mostra que se “perguntar não ofende”, enumerar possibilidades, sejam duas, muitas ou infinitas, desde que, de algum modo, sejam todas, também não.

### Referências Bibliográficas

- HINTIKKA, Jaakko. *Lógica, juegos de lenguaje e información*. Temas kantianos de filosofía de la lógica. Madrid: Tecnos, 1976. 333 p.
- PRIOR, Arthur N. *Historia de la lógica*. Madrid: Tecnos, 1976. 252 p.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. São Paulo: EDUSP, 1993. 281 p.